



retrato da autora

Anésia

## BIOGRAFIA

O que é afinal uma biografia (ou autobiografia) ?

Se tirarmos o convencional: estudos, carreira, casamento etc, o que sobra? Uma sucessão de momentos que vão transformando um ser em vários seres diferentes no corpo e na existência, tornando difícil falar em identidade.

Aquele que faz o que chamamos *arte* se debate como os outros com seu corpo, sua existência e a morte, que iguala todas as biografias.



A partir da falência do modelo político/econômico soviético, seu ideal de cultura para todos (que resultou em banalidade propagandista) também ruiu. Antes, André Gide, ao tentar fazer uma conferência para os operários da Citroën, foi recebido aos gritos de “la culture on s’en fout”. Hoje, perplexos, nos perguntamos: quem faz arte e literatura? E estes estão pensando em que público? Ou não pensam em público nenhum? Mas sempre se pensa em alguém ao escrever ou pintar etc. Agora o grande público está completamente desligado do que considera elucubrações subjetivas e intelectuais. Querem uma cultura de mídia, grandes museus que engolem qualquer coisa que não seja enorme (instalações por exemplo). Querem também livros chamados úteis (de autoajuda) ou relatos pragmáticos sobre sexo, ou viagens, ou ainda superbiografias de grandes personagens.

A música, a dança etc. têm que se dar em espaços que comportem multidões, o que obviamente impõe determinados gêneros.

Assim, aqueles que ainda se propõem a refletir sobre a condição humana, sua circunstância, existência e morte, terão de se dirigir a pequenos grupos que chamaríamos de aficionados.

Os que veem na literatura e nas artes algo eterno e transcendental, e seu fazer alguma coisa, como a procura do Santo Graal (a verdade), estão mais perto da religião e da crença num deus (os gênios da arte como seus arautos) do que da expressão de ideias e emoções de homens e mulheres reais que escrevem, pintam, fazem música (o teatro, a não ser grandes remontagens de clássicos, está desaparecendo).

O cinema impera com “rambos” e tiroteios em espantosas técnicas. O cinema mais intimista e/ou filosófico vai se tornando mais raro, lutando com a falta de verbas.

Permanece na sombra, um cinema mais econômico e marginal.

Até quando? O cinema europeu com sua complexidade (Bergman, Rossellini, Antonioni e outros) desapareceu junto com seus criadores e um público que já era.

Resumindo: a cultura popular desejada pelo socialismo está vingando nas democracias com outras roupas. A cultura artística só permanece enquanto produção rentável como qualquer outra, decoração, moda, restaurante etc. Aqueles que refletem sobre a vida, a morte, as dores e prazeres da existência, através da literatura e de todo o tipo de arte, têm que se ater aos pequenos grupos de aficionados.

E nada mais.

○

